

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

**Um breve relato sobre a codificação da carne na análise
de “Os Anormais” de Michel Foucault**

Ana Paula de Almeida Muniz

Caixa de Ferramentas Curso Livre de Psicanálise e Ciências
Sociais

apmuniz@gmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Um breve relato sobre a codificação da *carne* na análise de “Os Anormais” de Michel Foucault.

Palavras-chave – mecânica do poder eclesiástico, carne, corpo, sexualidade.

Resumo: O corpo racional e científico tal como concebido na atualidade nem sempre tem história. A ideia de sexualidade em Michel Foucault é problematizada e dividida em duas fases no que diz respeito ao seu projeto geral. No presente trabalho discorreremos sobre a noção de carne desenvolvida pela pastoral cristã a partir do curso estabelecido em 1974-1975 no Collège de France intitulado *Os Anormais*.

1. Introdução

O trabalho que proponho, por ocasião deste colóquio, retoma um campo de investigação que venho tratando desde o mestrado a respeito do projeto de uma História da Sexualidade em Michel Foucault. Aqui pretendo apresentar um breve recorte sobre o que Foucault vai designar como “fisiologia moral da carne”. Trata-se da primeira fase da análise de Foucault. Nesta etapa de trabalho sua preocupação está voltada principalmente para a análise da correlação entre poder e saber o que, na verdade, continuará tratando durante toda a sua vida. Porém seu projeto sofrerá modificações importantes. Não vou me ater à exposição de tais modificações no presente momento.

Para Foucault não existe um sujeito universal – o sujeito é uma invenção. Bem como não haverá uma suposta sexualidade concernente a esse suposto sujeito. A sexualidade também é uma invenção. Assim Foucault não vai perguntar a esse sujeito ideal sobre a “sua” sexualidade. As pesquisas em torno da noção de sujeito, da noção de sexualidade ou de qualquer outro domínio buscarão investigar quais são as relações que a partir de uma espécie de conjunto de forças convergiram a cada vez, em cada estrato da história, produzindo sujeitos. Sendo assim, lançando mão do instrumental foucaultiano vamos nos ater às relações de sujeição que produziram os sujeitos referentes a uma época determinada ao invés de perguntar a supostos sujeitos sobre quais relações de poder os teriam conduzido a essa ou aquela forma de sujeição.

No que diz respeito ao domínio da sexualidade, nesta fase de seu projeto geral, veremos Foucault resgatar na Idade Média, especificamente em uma documentação sobre o procedimento da confissão, elementos que dizem respeito a *carne* estabelecida a partir da pastoral cristã e a *carne* que vai se imiscuir ao corpo racional e científico.

Resumidamente recortarei, para efeito desse trabalho, um vetor de apresentação referente à construção de um tipo de *carne* característico a um tipo específico de sujeito (para Foucault são várias *carnes*). É importante lembrar que a arqueologia suspende a ideia de um sujeito único que teria percorrido toda a história para fazer valer em sua dissimetria, os jogos de forças que produziram subjetividades.

O vetor que pretendo indicar aqui apontará para o campo de aparecimento do corpo de prazer e de desejo que nasce no cerne das práticas de confissão e direção de consciência da pastoral cristã – a nova pastoral nascida da Reforma e do concílio de Trento (a pastoral cristã na análise foucaultiana é entendida como um domínio como qualquer outro, onde está em jogo discursos e práticas, saberes e poderes que vão resultar em modos de subjetivação). O curso intitulado *Os anormais* servirá como base para este estudo.

São três os principais vetores que conduziram a pesquisa neste livro. O nosso interesse aqui se volta para o momento em que Foucault vai tratar do surgimento do que denomina de “o corpo sensível e complexo da concupiscência” que vai acarretar na formação, no século XVII, de um determinado corpo racional e científico. Cito Foucault,

Do corpo dessa materialidade corporal à qual a teologia e a prática penitencial da Idade Média referiam simplesmente a origem do pecado, começa a se destacar esse domínio ao mesmo tempo complexo e flutuante da carne, um domínio ao mesmo tempo de exercício de poder e de objetivação. Trata-se de um corpo que é atravessado por toda uma série de mecanismos chamados “atrações”, “titilações”, etc.; um corpo que é a sede das intensidades múltiplas de prazer e deleitação; um corpo que é animado, sustentado, eventualmente contido por uma vontade que consente ou não consente, que se compraz ou se recusa a comprazer. Em suma: o corpo sensível e complexo da concupiscência. É isso, creio eu, que é o correlativo dessa nova técnica de poder. E, justamente, o que eu queria lhes mostrar era que essa qualificação do corpo como carne, que é ao mesmo tempo uma desqualificação do critério como carne; essa culpabilização do corpo pela carne, que é ao mesmo tempo uma possibilidade de discurso e de investigação analítica do corpo; essa consignação, ao mesmo tempo da falta no

corpo e da possibilidade de objetivar esse corpo como carne – tudo isso é correlativo do que podemos chamar de um novo procedimento de exame.¹

Pretendo indicar sucintamente trechos desse caminho no qual a carne marcará o corpo.

2. Uma justaposição entre o campo da anomalia e o da sexualidade

O itinerário da pesquisa foucaultiana passa pelo campo de formação da noção de *anomalia* para apresentar que logo na ocasião de sua composição serão encontrados elementos referentes ao problema da sexualidade. São dois modos pelos quais se iniciará essa relação entre o problema do anormal e da sexualidade. O primeiro diz respeito à codificação – esse campo geral de anomalia é formulado tomando como referência os fenômenos da herança e da degeneração. Sendo assim, o campo de análise médica e psiquiátrica das funções da reprodução será tratado a partir do instrumental utilizado na análise da anomalia. Primeira associação. A segunda associação entre os campos acabará se dando da seguinte maneira: onde há anomalia dever-se-á perguntar sobre as características da anomalia sexual. O que será reconhecido como anomalia sexual se apresenta inicialmente como um grupo de casos particulares de anomalia e rapidamente em torno do período de 1880-1890 ganhará lugar e função de alicerce no campo geral da anomalia, a anomalia sexual funcionará como princípio etiológico geral de qualquer anomalia que venha aparecer desde então.²

A partir destas duas associações Foucault vai sustentar que os discursos referentes a sexualidade pertinentes ao campo da medicina não vão emergir devido a algum tipo de avanço técnico e médico que teria combatido gradualmente um interdito da sexualidade desde os séculos XVII ou XVIII. Foucault insistirá que o que ocorre quando se passa a falar de sexualidade não é a eliminação de uma censura (*A vontade de*

¹ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 174. A carne própria à pastoral cristã que vai adentrar o corpo rastreando-o e deixando marcas, será trabalhada por Freud como trauma da sexualidade.

² FOUCAULT, 2010, p.143.

saber). No Ocidente, e essa é a tese de Foucault, a sexualidade não é o que cala e sim o que se é obrigado a revelar. E quando se era obrigado a calar, era para que em algum lugar determinado se fosse obrigado a falar desta ou daquela maneira. Foucault vai se ater ao poder que sustenta a prática da revelação forçada. Para Foucault,

Foi sempre em correlação com esta ou aquela técnica da revelação obrigatória que foram impostas certas regiões de silêncio, certas condições e certas prescrições de silêncio. O que, a meu ver, é primeiro, o que é fundamental é esse procedimento de poder, que é a revelação forçada. É em torno desse procedimento que é necessário identificar, cuja economia é necessário ver, que a regra de silêncio pode atuar. Em outras palavras, não é a censura que é o processo primário e fundamental. Quer de entenda a censura como um recalque, quer simplesmente como uma hipocrisia, trata-se em todo caso de um processo negativo ordenado a uma mecânica positiva, que tentarei analisar.³

Foucault, a partir de uma série de casos, aponta que na ocasião em que eclodem os campos da anomalia vemos emergir logo em seguida o problema da sexualidade cumprindo funções de policiamento. Essa fusão começa a aparecer entre 1845 - 1850 e as principais referências na psiquiatria são Griesinger na Alemanha e Baillarger na França. Os títulos dos artigos ilustram a associação entre anormalidade e sexualidade como, por exemplo, em um artigo de Baillarger de 1857 intitulado “imbecilidade e perversão do senso genésico”⁴. Então, quando o campo da anomalia passa a fazer parte do domínio de ingerência legítima da psiquiatria a sexualidade também passa a fazer parte deste domínio. Esse vínculo tem data de nascimento e história, pois nem sempre foi assim. Na medicina da alienação mental os elementos referentes à sexualidade não manifestavam expressividade⁵.

3. Os discursos sobre a sexualidade

³ FOUCAULT, 2010, p.145.

⁴ FOUCAULT, 2010, p.144.

⁵ A descoberta dos instintos ocorre posteriormente à medicina da alienação mental que vai se articular a outros saberes que vão convergir na medicina da anomalia . Para efeito deste trabalho não desenvolveremos este tema.

Lançando mão do método de pesquisa arqueológico a pesquisa incidirá sobre as condições e os rituais que organizaram a revelação sobre a sexualidade entre as camadas discursivas dispostas até então. O fio condutor da pesquisa foucaultiana é o panorama do ritual da penitência.⁶

O esquema que Foucault apresenta, e que de modo sucinto pretendo expor nesta etapa, traz à tona a noção de revelação. E o que ele identifica é que o ritual da penitência não contava em sua origem com esta prática. Além do que, o seu papel na prática da penitência se transformará no decorrer do período que vai da Idade Média ao século XVII, pois, nem sempre a revelação foi obrigatória. No ritual da penitência no cristianismo primitivo esta exigência não estava colocada. A revelação funcionava como um estatuto que seria utilizado ou não pelas pessoas em determinado momento da vida. Fazia parte de uma espécie de código dos costumes se podemos dizer assim. Então, por exemplo, as razões que levavam as pessoas a adotar a penitência estavam ligadas aos mais diversos fatores. Estas poderiam estar relacionadas a um pecado enorme e escandaloso ou não necessariamente. Sua principal característica é que funcionava como estatuto que uma vez adotado se tornava definitivo. Cito Foucault,

Só se podia ser penitente uma vez na vida. Era o bispo, e somente o bispo, que tinha o direito de conferir, a quem o pedia, o estatuto de penitente. E isso numa cerimônia pública, durante a qual o penitente era ao mesmo tempo repreendido e exortado. Depois dessa cerimônia, o penitente entrava nessa ordem da penitência, que implicava o uso do cilício, de hábitos especiais, a interdição dos cuidados de limpeza, a exclusão solene da igreja, a não participação nos sacramentos, em todo o caso na comunhão, a imposição de jejuns rigorosos, a interrupção de toda a relação sexual e a obrigação de sepultar os mortos. Quando o penitente saía do estado de penitência (às vezes, ele não saía e permanecia até o fim da vida), era em consequência de um ato solene de reconciliação, que suprimia seu estatuto de penitente, não sem deixar certo número de vestígios, como a obrigação de castidade, que em geral durava até o fim da vida⁷.

Fica evidente que se trata aqui de um ritual. Mas neste ritual não está demarcada a exigência de uma revelação pública dos erros e nem mesmo no que diz respeito ao que o penitente relatava ao bispo – os motivos e as justificativas que exprimiam a finalidade

⁶ FOUCAULT, 2010, p.146.

⁷ FOUCAULT, 2010, p.147.

de se alcançar o estatuto de penitente – não se tratava da ideia de uma confissão geral dos pecados de uma vida inteira. Este esquema não sustenta uma revelação capaz de produzir a remissão dos pecados.

A partir desse antigo sistema emergirá em torno do século VI, o que se denominou “penitência tarifada”, relacionada a operação designada por “satisfação”. Cada pecado encontrará no catálogo de penitências obrigatórias, a penitência correspondente. Daí a designação de penitência tarifada. Neste sistema o pecado só podia ser redimido a partir de uma satisfação que a ele correspondesse. Não cabia nenhuma cerimônia suplementar. Nesse momento neste esquema da penitência tarifada se começa a atribuir importância ao enunciado do erro. Isso porque era essencial que, para que o padre pudesse aplicar a penitência apropriada, isto é, a satisfação conveniente ficasse demarcada quais eram as faltas graves e as menos graves. Foucault indica que é assim, a partir do sistema da penitência tarifada, de origem irlandesa e não latina e cuja origem é judiciária e leiga, que se começa a organizar o “pequeno núcleo da revelação”.

Este núcleo de revelação receberá importância mais ou menos por volta do século VIII até o século X pelo fato de, mesmo sem obter diretamente a remissão dos pecados, o gesto de revelar manifestar por si só um sentimento de vergonha. Desse modo, acaba funcionando de certa forma como uma expiação já que a revelação feita ao padre é um tanto penosa. É a partir dessa importância dada ao gesto de confessar os pecados que serão produzidos alguns deslizamentos significativos como uma espécie de estreitamento em torno da revelação e a humilhação (*erubescencia*) vai se tornando o eixo da pena. Com a força que o gesto de humilhação ganha, outro esquema de confissão vai irromper daí mais ou menos por volta dos séculos IX, X, XI: a confissão entre leigos. Assim, se o fato da revelação mesma acabava por possibilitar a remissão dos pecados, o foco da confissão vai se voltar para ela, roubando a cena da confissão sob poder do padre e do bispo. Mas posteriormente, do século XII ao início do Renascimento, o poder eclesiástico já fortalecido vai resgatar para o si o procedimento da revelação da seguinte forma: organizando uma série de operações como a imposição de uma regularidade da confissão, a exigência de uma continuidade e de uma exaustividade no ato da confissão. Cito Foucault,

Ora, a essa extensão considerável vai corresponder um poder do padre que é ampliado nas mesmas proporções. (...) o que vai garantir a exaustividade é que o padre não vai mais se contentar com a revelação espontânea do fiel, que vem vê-lo depois de ter cometido uma falta e por ter cometido uma falta. O que vai garantir a exaustividade é que o padre vai controlar pessoalmente o que o fiel diz: ele vai pressioná-lo, vai questioná-lo, vai precisar sua revelação, por toda uma técnica de exame de consciência⁸.

Deste modo, no século XII a revelação estará por completo sob domínio do padre. Além disso, o padre não terá mais como referência a aplicação da tarifa das satisfações. Será ele quem determinará as penas de acordo com os pecados das pessoas como convém, dando peso também aos fatores circunstanciais. O relato dos pecados com o enrubescer que lhe é característico perde importância. Tudo agora passa a se dirigir ao padre que é o único que poderá obter a remissão dos pecados. É desse modo que a penitência se tornará um sacramento. Para Foucault,

A penitência se torna, nesse momento, em sentido estrito, um sacramento. É somente no século XII-XIII que se forma essa teologia sacramental da penitência. Até então a penitência era um ato pelo qual o pecador pedia a Deus que o redimisse de seus pecados. A partir do século XII-XIII é o próprio padre que, dando livremente sua absolvição, vai provocar essa operação de natureza divina, mas com mediação humana, que será a absolvição. Daí em diante, podemos dizer que o poder do padre é firmemente ancorado, no interior do procedimento da revelação das faltas.⁹

A partir deste breve esboço Foucault afirmará que essa economia central e geral da penitência que se constitui sacramental no decorrer da Idade Média é a mesma que funciona até hoje. O que a simboliza é a *obrigatoriedade de uma revelação completa* – onde nada pode ser suprimido, a ênfase conferida a *extensão* – tudo deve ser relatado, não apenas os pecados graves e, por fim, o incremento do poder e do saber do padre – já que é ele quem, no interior do sacramento da penitência, vai controlar o que se diz e vai interrogar daí por diante a partir das balizas de saber por ele mesmo definidas obtidas por sua experiência e conhecimentos morais e teológicos.

⁸ FOUCAULT, 2010, p. 150.

⁹ FOUCAULT, 2010, p. 151.

4. Uma fisiologia moral da carne

Doravante, entraremos em contato com uma fase da história que admite opiniões distintas. Enquanto para alguns historiadores a datar do século XVI dá-se início a um processo de descristianização, outro grupo de historiadores tratará esta fase como uma fase de cristianização profunda¹⁰. Este esquema em voga em torno da prática da confissão/absolvição acarretará a proliferação de técnicas adjacentes relativas ao procedimento geral do exame. É assim que vai se desenvolver a prática da *direção de consciência* colada a esses procedimentos gerais de confissão.

Por fim, para Foucault, é o estabelecimento no interior do aparato religioso desse vasto campo discursivo – na forma de um relato total da existência – que servirá como panorama para a instalação das técnicas de exame e medicalização que serão desenvolvidas posteriormente.

Foucault denominará de governo das almas este novo aparato vinculado ao poder empírico do olho, do olhar, do ouvido, da audição do padre. Para Foucault,

No momento em que os Estados estavam se colocando o problema técnico do poder a exercer sobre os corpos e dos meios pelos quais seria efetivamente possível por em prática o poder sobre os corpos, a Igreja, de seu lado, elaborava um governo das almas, que é a pastoral, a pastoral definida pelo concílio de Trento e retomada, desenvolvida em seguida por Carlos Borromeu.¹¹

Desde então se desenvolve, mesmo que à penitência seja dada maior ênfase no interior desta pastoral, uma literatura dirigida em parte para os confessores e em parte para os penitentes. Foucault vai dizer que essa literatura funcionará uma como reverso da outra e que o elemento fundamental dessa literatura é a que estava nas mãos dos confessores. Isso porque é nesse material que será encontrada a análise do procedimento do exame que diz respeito ao padre e somente a ele, e que gradativamente vai dominar o território da penitência expandindo-se para bem longe deste domínio. Esta literatura indica ao padre algumas virtudes essenciais à prática da confissão como o poder e o

¹⁰ Para efeito deste trabalho não pretendemos desenvolver este assunto.

¹¹ FOUCAULT, 2010, p. 152.

zelo. O poder concerne ao caráter sacerdotal e a autorização fornecida pelo bispo. E o zelo está relacionado ao desejo. E em relação ao zelo¹², ou o desejo ou o amor que diz respeito ao padre fica bem claro, nesta literatura, que não se trata do amor da concupiscência. Trata-se, na verdade, de um amor de benevolência que teria capacidade de deter o confessor aos interesses dos outros e de combater aqueles que resistem a Deus. É esse tipo de amor que deve estar presente no ato da confissão, no sacramento da penitência. O padre deve ser santo no sentido que não deve estar em estado de pecado mortal – santidade do padre é entendido aqui como o fato dele estar obstinado na prática da virtude devido o contato com as tentações a que a atividade da penitência vai exigir.

É necessária portanto, como uma espécie de couraça e de proteção, como garantia de não comunicação do pecado no momento mesmo da enunciação desse pecado, a santidade do confessor. Comunicação verbal, mas não comunicação real; comunicação no nível do enunciado, que não deve ser uma comunicação no nível da culpa. O que o penitente mostrará de seu desejo não deve se transformar em desejo do confessor, donde o princípio da santidade. É necessário enfim que o padre que confessa tenha um santo horror dos pecados veniais. E isso não apenas no que concerne aos pecados dos outros, mas aos seus próprios. Porque se o padre não possui, se não é animado pelo horror aos pecados veniais no que concerne a si mesmo, sua caridade vai se apagar como o fogo é apagado pela cinza. De fato, os pecados veniais cegam o espírito, *grudam na carne*.¹³

O que Foucault pretende indicar no seu livro quando esmiuça, com base nos tratados da época, o conjunto de regras que passa a fazer parte da nova prática da penitência é a extensão dos mecanismos de discurso, das técnicas de exame e de análise desenvolvidas no âmago do sacramento da penitência. A vida inteira dos indivíduos se imiscui ao procedimento do exame geral para além das estreitas fronteiras da absolvição tal como se deu na época da penitência tarifada. E nos meios mais cristianizados tomará forma a figura do *diretor de consciência* com a função de orientar aqueles que pretendem se aperfeiçoar através de um filtro discursivo no qual os mais ínfimos detalhes de toda a vida do indivíduo devem ser relatados.

¹² Foucault toma como base um tratado de prática penitencial escrito por Habert no final do século XVII.

¹³ FOUCAULT, 2010, p. 153 – 154. Grifo meu.

5. Conclusão

Faz-se necessário por hora dar um salto para que possamos indicar a ideia final deste trabalho. Muito resumidamente depois de desenhada essa paisagem, Foucault vai apresentar mais um deslizamento que ocorre a partir destes procedimentos gerais do exame. Trata-se do lugar que a luxúria vai ocupar no espaço do exame. O que feria basicamente o sexto mandamento estava relacionado aos vínculos jurídicos entre as pessoas: o adultério, o incesto, o rapto. Desde o século XVI o que Foucault vai denominar de aspecto relacional da sexualidade sofrerá uma transformação relevante. A ênfase dada ao aspecto relacional se desloca para o corpo do penitente. Foucault sublinha, são os “seus gestos, seus sentidos, seus prazeres, seus pensamentos, seus desejos, a intensidade e a natureza do que ele próprio sente é que vai estar agora no foco mesmo desse interrogatório sobre o sexto mandamento”¹⁴. Trata-se agora de um esquadramento do corpo, dirá Foucault, uma espécie de cartografia pecaminosa do corpo, um recentramento geral do pecado da carne no corpo. A carne adentra o corpo. O pecado da carne que se estabelecia ao se violar a regra da união, doravante residirá no próprio corpo. Assim deve-se interrogar o corpo, perseguí-lo em suas instâncias mais sensíveis para deter o pecado da carne.

O problema que anteriormente se colocava para os escolásticos sofre uma modificação – o ato real e o pensamento dão lugar a novas instâncias de controle – o desejo e o prazer. O problema da intenção e da realização torna-se insuficiente com esse novo panorama.

¹⁴ FOUCAULT, 2010, p. 160.